

A percepção das Irmãs Franciscanas de Santa Maria sobre o grupo de Terapia Ocupacional¹

The perception of Franciscan Sisters from Santa Maria about the Occupational Therapy group

**Nainara Mezacasa Zambiasi²
Vanessa Medeiros Pinto³
Carine Baldicera De Grandi⁴**

RESUMO: O presente estudo trata-se de um trabalho final de graduação, que ressalta a visão das Irmãs Franciscanas sobre o grupo de convivência de terapia ocupacional, teve como objetivo geral deste trabalho é identificar a percepção das irmãs sobre grupo de terapia ocupacional no convento São Francisco de Assis localizado na cidade de Santa Maria. A metodologia é qualitativa, a pesquisa contou com sete Irmãs Franciscanas que participaram do grupo de terapia ocupacional no mínimo há três anos. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas foram semiestruturadas, posteriormente foram gravadas e transcritas em forma de texto para que pudessem ser analisadas. A exposição dos resultados da pesquisa foi classificada em duas categorias de acordo com as respostas obtidas, sendo elas: as potencialidades do grupo de Terapia Ocupacional e as fragilidades e sugestões para o mesmo. As potencialidades apontadas foram que as Irmãs perceberam que as estagiarias analisavam as atividades propostas e que estas eram criativas. Como fragilidades as mesmas apontaram suas condições físicas. Conclui-se que o grupo de convivência tem um importante papel para as Irmãs, pois proporciona a socialização, troca de experiências, estimulando os aspectos físicos e cognitivos.

DESCRITORES: terapia ocupacional, envelhecimento, grupos

¹ Artigo referente à disciplina de Trabalho Final de Graduação II.

² Estudante do curso de Terapia Ocupacional Centro Universitário Franciscano. E-mail: nana.m.z@hotmail.com.

³ Terapeuta Ocupacional, Mestre em Reabilitação e Inclusão pelo Centro Universitário Metodista, Brasil. Docente do Curso de Terapia Ocupacional, do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria/RS. E-mail: nessampinto@unifra.br.

⁴ Terapeuta Ocupacional, Mestranda do mestrado profissional materno infantil do Centro Universitário Franciscano. E-mail: carinebaldicera@hotmail.com.

ABSTRACT: This study is a final graduation article that highlights the insights of the Franciscan Sisters about the Occupational Therapy coexistent group. The main objective of this study is to identify the perception of the Sisters about the group in *São Francisco de Assis* convent localized in Santa Maria, with these specific objectives: analyzing what are the weaknesses of the Occupational Therapy (OT) group, identifying what are the potentialities of this group and verifying with the Sisters what are the suggestion for the group improvement. The methodology is qualitative. In this study seven Franciscan Sisters participated, which also participated in the Occupational Therapy group for at least three years. Such interviews were semi-structured, posteriorly they were recorded and transcribed in a text form, so that could be analysed. The exposition of the results of the research was classified in two categories according to the answers obtained, such as: the potentialities of the OT group, and their weaknesses. The potentialities were that the Sisters realized that the trainees were used to analyze proposed activities and they were creative. As weaknesses, the Sisters pointed out the trainees' physical conditions. It can be concluded that the coexistence group has an important role for the Sisters, because it provides the socialization, experiences changing and stimulates physical and cognitive aspects.

KEY WORDS: occupational therapy, aging, groups

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o olhar das Irmãs Franciscanas sobre o grupo de convivência de terapia ocupacional, realizado uma vez por semana durante o estágio curricular, no convento São Francisco de Assis, localizado na cidade de Santa Maria. Para contribuir com o objetivo do estudo foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre os indicadores investigados para análise e discussão dos dados.

A revisão da literatura aponta um aumento significativo na expectativa de vida, ou seja, a população idosa vem aumentando com o passar dos anos. Diversos estudos vêm indicando a longevidade como um contraponto na qualidade de vida de idosos (as) no Brasil, outros repensam o papel do gênero no envelhecimento e a espiritualidade. No decorrer da introdução vamos alinhar a relação do feminino e o envelhecimento dentro da perspectiva das mulheres idosas freiras.

Segundo Dawalibi, et al (2013) o envelhecimento é decorrente de diversos fatores, é um processo gradual que ocorre durante toda a vida, por isso se torna único para cada um,

podendo se diferenciar de acordo com o estilo de vida que levamos. Dessa forma também percebemos que além desta subjetividade temos as diferenças entre os sexos, os homens envelhecem diferente das mulheres, assim como também temos as diferenças de classe, gênero, cultura e etnia que vão estar diretamente influenciando nesse processo de envelhecer (MOTTA, 1999).

Tirado e Drummond (2008) afirmam que as mulheres têm uma longevidade maior em relação aos homens, contudo elas têm mais chances de desenvolver doenças, o que as leva a receber um maior cuidado nesta fase. Como a pesquisa foi realizada em uma instituição somente de mulheres alguns aspectos do envelhecimento feminino se fazem importantes.

Como os grupos eram realizados com as irmãs a terapia ocupacional busca a qualidade de vida para as idosas proporcionando-lhe um bom desempenho funcional para que esta se torne mais independente ao realizar suas atividades cotidianas.

Devido as irmãs serem religiosas um dos fatores que colabora no desempenho funcional e emocional na velhice é a espiritualidade. Para Guimarães e Avezum (2007) “a espiritualidade poderia ser definida como uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível: um sentido de conexão com algo maior que si próprio...” (p. 89), desse modo buscamos nela um conforto, uma saída, um apoio nas diversas situações em que vivenciamos no decorrer da vida.

Cabe aqui ressaltar a diferença de espiritualidade para religiosidade, a primeira está relacionada com o propósito e o significado da vida, já a segunda diz respeito às ideias que um determinado grupo tem em comum (GUIMARÃES; AVEZUM, 2007).

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo avaliar as percepções negativas e positivas das irmãs franciscanas do convento São Francisco de Assis sobre o grupo de terapia ocupacional. O problema de investigação visa identificar a opinião das Irmãs Franciscanas sobre o grupo de Terapia Ocupacional.

A escolha do tema do presente trabalho surgiu através da curiosidade em compreender e entender a opinião das irmãs que residem no Convento São Francisco de

Assis, e que participam do grupo de convivência, realizado pelas estagiárias do curso de Terapia Ocupacional do Centro Universitário Franciscano. Sendo assim, o estudo pretendeu verificar as potencialidades e fragilidades do grupo, a fim de intervir para melhorias futuras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa que segundo Dyniewicz (2011) procura estudar a particularidade do homem, “o conhecimento sobre as pessoas só é possível a partir da descrição da experiência humana tal como ela é vivida e tal como é definida pelos seus próprios atores” (p.102). É uma pesquisa que busca coletar dados através de entrevistas individuais semiestruturadas onde o entrevistador vai coletar informações por meio de perguntas abertas (DYNIEWICZ, 2011).

Inicialmente foi realizada uma visita ao campo de pesquisa, a fim de apresentar o trabalho e obter o consentimento livre e esclarecido para a realização do estudo, após apreciação local, iniciou-se o período de coleta de dados entre os meses de fevereiro e abril de 2017. No total foram entrevistadas sete Irmãs Franciscanas, as quais participaram do grupo de terapia ocupacional há três anos ou mais com frequência.

Dentre as participantes encontram-se Irmãs que trabalhavam na educação, como professoras de escolas, da faculdade, onde muitas delas lecionavam teologia, foram diretoras e outras trabalharam na área da saúde, como enfermeiras, diretoras de hospitais, entre outros. Algumas também trabalharam como costureiras e ainda realizavam serviços sociais com crianças, idosos e adultos em comunidades e/ou escolas, ajudaram em igrejas e viajaram para fora do país.

Estes aspectos mostram o quanto as Irmãs exercitaram o cognitivo ao longo da vida, tornando-se ativas e dispostas, outra particularidade interessante refere-se a vida em comunidade, seguindo a hierarquia, isso por estarem inseridas dentro de uma instituição

desde cedo. Sendo assim a terapia ocupacional se faz muito importante quando falamos de institucionalização e dificuldades cognitivas.

As irmãs entrevistadas têm entre 75 e 95 anos de idade e foram denominadas como irmã 1, irmã 2, irmã 3, irmã 4, irmã 5, irmã 6 e irmã 7, afim de manter sigilo e não expor nenhuma das participantes. Entretanto a pesquisa foi “do tipo intencional, de método não probabilístico, no qual o pesquisador seleciona os sujeitos para a pesquisa baseado em critérios que atendem ao objeto, aos objetivos da pesquisa” (DYNIEWICZ, 2011, p.111) e ainda que sejam significativos e importantes para esta.

Os critérios de inclusão do estudo delimitavam algumas necessidades para o estudo, como, o cognitivo preservado e sem déficits de audição, tais critérios foram avaliados nos prontuários das irmãs, sendo assim os critérios de exclusão foram: irmãs que participam a pelo menos de 3 anos do grupo de terapia ocupacional e que estão em processo de demência.

Os instrumentos de pesquisas elaborados eram semiestruturados nas quais foram feitas perguntas abertas individualmente, produzindo assim respostas livres além do que foi questionado, sendo estas subjetivas.

Para Boni e Quaresma (2005) as entrevistas são uma forma de interação com o outro para obter informações do entrevistado, o que não ocorre quando usamos a pesquisa bibliográfica e a observação.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora no próprio convento a fim de coletar as informações desejadas. O questionário consistia em quatro perguntas onde as irmãs analisaram os três últimos anos de participação do grupo de terapia ocupacional, que abordavam os seguintes temas: o que elas perceberam de mudanças, quais as potencialidades, fragilidades e as sugestões de melhoria para o grupo de terapia ocupacional.

As entrevistas foram gravadas em um celular através do consentimento individual e transcritas em forma de texto para que pudessem ser analisadas posteriormente. Foram

coletados os dados entre os meses de março e abril de 2017, após a aprovação do mesmo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Franciscano aprovado pelo CAAE 62715616.1.0000.5306.

As informações obtidas foram manipuladas com total sigilo para que não haja prejuízos ou riscos para as participantes. As entrevistadas tinham a total liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento sem gerar qualquer ônus para as participantes.

As Irmãs que aceitaram participar foram informadas de todos os procedimentos realizados durante a entrevista. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes das entrevistas para explicar e tirar dúvidas, o mesmo foi assinado pelas participantes e pela pesquisadora.

Abaixo serão abordadas as informações obtidas através do processo de análise dos dados, transcritos das entrevistas respondidas pelas Irmãs do convento. A exposição dos resultados da pesquisa foi classificada em duas categorias, de acordo com os dados obtidos, sendo elas: Potencialidades do grupo de Terapia Ocupacional, e Sugestões para o grupo de Terapia Ocupacional.

Na categoria fragilidade foram sugeridas algumas questões que elas consideram importantes para o grupo. A ideia é que elas possam não ser só objeto de estudo, mas sim, protagonistas da relação do cuidado das intervenções propostas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Potencialidades do grupo de Terapia Ocupacional

As potencialidades ressaltadas pelas irmãs foram de suma importância para esta pesquisa pois trouxe dados importantes sobre o grupo da terapia ocupacional realizado no convento durante os três últimos anos. Onde sabemos que a atuação da terapia ocupacional

se torna relevante uma vez que o mundo está envelhecendo e este profissional se torna significativo com este público.

Segundo Ribeiro (2016) a população acima dos 60 anos de idade vem aumentando nos últimos tempos, com isso a Terapia Ocupacional vem buscando ofertar uma melhor qualidade de vida para esta faixa etária. Uma de suas estratégias é a realização do grupo terapêutico que tem entre seus objetivos favorecer a socialização, melhorar seu desempenho ocupacional, buscando autonomia dos mesmos e amenizando os efeitos do envelhecimento.

Algumas potencialidades e mudanças que as irmãs perceberam foram que as estagiarias se preparam para realizar o grupo, pesquisam as atividades, estudam sobre elas e as escolhem de acordo com a demanda do grupo, buscando sempre verificar quais os objetivos da intervenção e a demanda do grupo.

De acordo com Silva (2014) todos nós estamos constantemente realizando atividades que tem um significado, ou seja, estamos sempre ocupados realizando alguma tarefa e é com este fazer humano que a Terapia Ocupacional trabalha, buscando a realização das atividades significativas para os clientes como forma de intervenção.

Sendo assim “o terapeuta ocupacional, ao analisar a atividade, pode identificar as áreas em que são necessárias adaptações e graduações, dependendo da capacidade funcional do cliente...” (SILVA, 2014, p. 110).

As irmãs também relataram que aprendem com o grupo devido à troca de experiências entre gerações distintas e o respeito para com as irmãs que já são idosas, tornando as intervenções mais humanizadas. Como vemos em algumas falas:

“...um carinho para com todas as irmãs também que participaram, tem idades diferentes, ...a constante atenção e boa preparação desse grupo responsável para fazer a coisa da melhor maneira possível...” (irmã 3).

“...o relacionamento amigo de vocês com as irmãs não só amigo, mas generoso de ajudar as irmãs a caminhar, alegrar e atender qualquer ajuda que precisava, foi assim uma prontidão em servir e também a alegria...” (irmã 6).

Para Schmidt e Doll (2009) o convívio entre gerações distintas pode ofertar um enriquecimento de saberes, experiências e conhecimento, isto é possível devido a troca com o diferente, tal troca não deve ser vista como algo negativo, mas sim como algo que vai somar e enriquecer.

É muito rica esta troca intergeracional de saberes, de experiências, ainda mais para as irmãs que ficam isoladas, pois não saem do convento e muitas nem de sua ala, o grupo proporciona um momento de troca e socialização, entre as Irmãs e também com as estagiarias e faz com que elas frequentem um lugar diferente.

As Irmãs também apontaram o quanto as atividades faziam bem para elas pois, relatam que as estagiarias estimulavam o cognitivo e o físico, assim elas ficavam na expectativa esperando o grupo. De acordo com Pavan, Meneghel e Junges (2008) “a institucionalização acelera e/ou acentua a velocidade das perdas funcionais dos idosos, forçando o declínio das funções física e cognitiva...” (p. 2188). Como podemos notar em algumas falas:

“...fiquei, mais esperta, mais viva, gostando do entrosamento, convívio e sempre a expectativa o que vai acontecer hoje, o que vamos aprender hoje...” (irmã 2).

“...a atividade em si era sempre muito atraente, deixava as irmãs, as participantes muito disponíveis e alegres” (irmã 3).

“Para mim melhorou mais para pensar, porque eu to muito esquecida” (Irmã 4).

“...foi sempre um momento de lazer, de entrosamento mutuo, de alegria, de libertação ...foi realmente um processo que nos alegrou...” (irmã 6).

Um grupo de idosos segundo Perez e Almeida (2010) tem diversas funções terapêuticas, pois os auxilia a enfrentar os problemas decorrentes do processo de

envelhecimento, além de potencializar a socialização, a escuta e as trocas de experiências gerando assim uma melhor qualidade de vida, criando vínculos entre os participantes.

Algumas irmãs também pontuaram a criatividade como potencialidade do grupo, pois descrevem que as atividades não se repetiam e que estimulavam aspectos diferentes. De acordo com Lima (2004) as atividades e oficinas terapêuticas em grupo nas novas formas de atuação clínica tem como objetivos a promoção da saúde, reabilitação, desinstitucionalização e a possibilidade de criar algo novo, de ter novas experiências, podendo estas serem expressivas, artísticas, lúdicas, criativas, reflexivas, entre outras.

“...o primeiro aspecto que eu salientaria é a criatividade, a criatividade que cada encontro era diferente, era sempre uma surpresa, isso para nós muito vale...” (irmã 6).

“O que eu acho mais bonito é a criatividade delas, que elas sabem sempre trazer alguma coisa nova e muito profunda também...” (irmã 7).

Para Cunha e Santos (2009) a terapia ocupacional grupal utiliza a atividade como recurso terapêutico:

...o grupo de atividades de Terapia Ocupacional é marcado pelo envolvimento simultâneo de clientes na realização de uma ou mais tarefas ou atividades produtivas, criativas, ou sociais, sempre com um propósito terapêutico específico estabelecido pelo terapeuta ocupacional (p. 135).

Para as Irmãs o convento não deixa de ser uma instituição de longa permanência uma vez que elas estão ali para cuidar de sua finitude. A grande diferença é que a maioria escolheu seguir a vida religiosa, cada uma por um motivo diferente, o que as tornaram disciplinadas com sua vida, uma vez que a maioria tem um alto grau de escolaridade, o que as faz se adaptarem melhor com a institucionalização, entretanto é uma mudança em suas vidas, uma vez que elas estavam acostumadas a trabalhar, ter uma ocupação como religiosas, agora elas passam a residir em um lugar mais calmo e tranquilo sem o trabalho.

Sugestões para o grupo de Terapia Ocupacional

Nesta categoria vamos perceber que as irmãs não apontaram fragilidades do grupo em geral, mas sim delas mesmas e como sugestões relataram algumas atividades que mais gostaram. De acordo com Ballarin (2014) um grupo coordenado por terapeutas ocupacionais tem a função terapêutica, podendo proporcionar momentos diferentes ligados as suas ocupações, ofertando um momento de troca de experiência e convivência, podendo ter diversos objetivos. Todas as irmãs apontaram sugestões para o grupo de Terapia Ocupacional.

Algumas perceberam fragilidades entre as próprias Irmãs participantes, como suas dificuldades físicas e cognitivas em relação ao deslocamento delas para o grupo e sua participação no mesmo. Segundo Zimerman (2000) “envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no individuo” (p. 21), estas alterações variam de acordo com o estilo que as pessoas têm de levar a vida, por isso podemos dizer que o envelhecimento é subjetivo para cada um e não tem idade certa para acontecer (ZIMERMAN, 2000; MCLNTYRE; ATWAL, 2007).

“...percebo de não poder andar, de não escutar, de não enxergar, é uma falha, é uma coisa que dificulta mais o entrosamento, porque você vê as irmãs de cadeira de rodas, andador, muleta, mas cada uma vai da maneira como pode, há muito esforço da parte das irmãs...” (irmã 2).

“Da nossa parte eu senti muitas irmãs tímidas, elas tinham medo de dizer medo de jogar, por outro lado também a questão auditiva de algumas que prejudicou...” (irmã 6).

“Fragilidade seria entre nós do grupo que as vezes alguma tem mais preparo outras tem menos então, umas são mais tímidas para participar, mas em geral a turma toda entra em campo” (irmã 7).

Para Fachine e Trompieri (2012) o envelhecimento é diferente para cada um, mas acontece com todos pois, há uma variação da genética e estilo de vida que modificam este processo, tornando-o singular. Para alguns a velhice pode significar uma diminuição da

autonomia, perda da capacidade de realizar suas atividades de vida diárias, independência ou ainda podem se considerar sábios, serenos com uma maior experiência de vida.

As irmãs também perceberam que suas fragilidades não faziam com que as estagiarias excluíssem elas de não poder participar do grupo. Apesar delas terem fragilidades devido ao processo do envelhecimento as estagiarias não as excluía por elas apresentarem tais fragilidades, muito pelo contrário é dever da terapia ocupacional trabalhar com a inclusão e adaptação seja de atividades ou dispositivos para que todas que desejam se sintam pertencentes ao grupo.

Para Carmona, Couto e Comin (2014) "...o envelhecimento tem sido cada vez mais investigado não mais como um período de crises, declínios e perdas, mas como uma fase de aquisições e transformações, preche de significados e possibilidades que conferem um novo status ao idoso..." (p. 682). Como vemos nas seguintes falas:

"...elas também não têm preguiça pra vir buscar a gente aqui e trazer de volta sempre aquela entreajuda, porque nós não temos condução, nós quase todas já temos uma fragilidade de caminhar..." (irmã 7).

"...desprendimento que vocês vinham buscar as irmãs aqui na ala, desprendimento e depois também levavam de volta tudo isso significa espírito de serviço, espírito de fraternidade, espírito de ajuda para os outros, são talentos isso de vocês, tomara que vocês não percam isso" (irmã 6).

Para Wichmann, et al (2013):

A percepção de uma boa qualidade de vida está diretamente interligada com a autoestima e ao bem-estar, e esses fatores estão associados à boa saúde física e mental, a hábitos saudáveis, a lazer, à espiritualidade e principalmente à manutenção da capacidade funcional do indivíduo (p. 823).

Algumas também deram sugestões de atividades que gostavam mais ou que não gostavam. Ouve também um reconhecimento mutuo:

"Eu acho assim, há um esforço da nossa parte e também de vocês, vocês sempre procuram trazer o que pode melhorar a nossa saúde, nossa vida, nossa capacidade e nós,

de nossa parte procuramos fazer aquilo que nos foi pedido, ... cada uma faz como pode” (irmã 2).

Segundo Wichmann, et al (2013) com o aumento da população idosa os grupos de convivência nessa faixa etária também sofreram um aumento. O que os idosos buscam nos grupos é estímulos físicos e mentais, gerando uma melhor autoestima e bem estar para os mesmos, “neste sentido, os grupos de convivência são uma forma de interação, inclusão social e uma maneira de resgatar a autonomia, de viver com dignidade e dentro do âmbito de ser e estar saudável” (WICHMANN, et al, 2013, p. 823).

O grupo proporciona um momento de descontração e socialização para as mesmas uma vez que elas ficam muito tempo em seus quartos rezando, sem interação, sem estímulos.

O grupo de terapia ocupacional vem para proporcionar um espaço onde elas possam interagir experimentar coisas novas, criar, socializar, se expressar, descontrair, exercitar o cognitivo, refletir, alongar. O próprio ato de sair do quarto e vir para o grupo já é uma forma delas vivenciarem outras coisas. Enfim, o grupo favorece a funcionalidade nos aspectos físicos, emocional, social e cognitivo das irmãs, já que muitas vezes as mesmas ficam restritas aos afazeres a instituição.

CONCLUSÃO

Com base na pesquisa realizada e os resultados obtidos podemos concluir que o processo de envelhecimento se torna subjetivo de acordo com o estilo de vida e os fatores biológicos de cada indivíduo, entretanto ele não deixa de existir é uma fase inevitável que ocorre ao longo da vida, por isso o processo de finitude deve ser pensado e planejado para que não venha carregado de estereótipos negativos.

Ser velho não é estar na melhor idade, pois como todas as outras ela tem aspectos positivos e negativos, por isso devemos disfrutar o que cada uma tem de melhor. Contudo a

velhice não deve ser cercada por estereótipos ruins, de que envelhecer é ser inválido e feio, ela deve ser carregada de positividade para que talvez eles possam realizar o que devido ao trabalho ou família não conseguiram.

Sabemos que houve uma melhora das tecnologias, conseqüentemente na promoção da saúde desta parcela da população que hoje é maioria, sendo assim se faz necessário medidas de prevenção ao longo da vida para uma melhor qualidade de vida na velhice.

A vida religiosa é uma escolha que pode influenciar o modo de vida do indivíduo, assim como a escolha da profissão faz parte da nossa identidade, experiências, cultura e convivência.

A terapia ocupacional tem como estratégia de intervenção dentro de uma instituição para idosos o grupo de convivência, podendo também realizar atendimentos individuais se avaliar necessário. O grupo terapêutico busca entre outros objetivos o processo de socialização dentro da instituição já que muitas vezes os idosos estão em um mesmo espaço, mas não interagem entre si.

Uma potencialidade apontada é que as irmãs percebem que há uma troca de conhecimentos e experiências no grupo, tanto entre elas, como com as estagiárias, assim as mesmas aprendem coisas novas, saem da rotina e percebem o quão significativo o grupo se tornou para elas, pois as atividades sempre têm um significado e um propósito diferente, estimulam diversos aspectos e são criativas.

Os grupos como foi apontado pelas Irmãs tem um importante papel dentro do convento, pois ele oferece a oportunidade de troca de experiências, socialização, distração e alegria.

O tema abordado não impede a realização de outras pesquisas neste campo que abordem esta temática. Novos estudos podem ser relevantes para apontar outros aspectos que não foram apontados no estudo em questão.

A terapia ocupacional tem um papel importante na organização de grupos terapêuticos, trazendo para o espaço estratégias lúdicas e dinâmicas que incorporam na produção de novas habilidades dentro do contexto social.

É notória a importância da Terapia Ocupacional dentro do Convento São Francisco, trazendo para as irmãs novas perspectivas de envelhecimento integrado e criativo. Por fim, ressalta-se a necessidade de continuar as intervenções, potencializando os espaços de participação social, proporcionando um momento de integração, humanização, lazer, entrosamento e estímulos físicos e cognitivos.

REFERÊNCIAS

BALLARIN, Maria Luisa Gazabim Simões. Abordagens grupais. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. **Terapia ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan.-jul. 2005.

CARMONA, Cecília Fernandes; COUTO, Vilma Valéria Dias; COMIN, Fabio Scorsolini. A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 681-691, out./dez. 2014.

CUNHA, Ana Cristina da; SANTOS, Thais Fernanda dos. A utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da terapia ocupacional com clientes com transtornos psicóticos: apontamentos bibliográficos. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n.2, p 133-146, Jul-Dez. 2009.

DAWALIBI, Nathaly Wehbe; ANACLETO, Geovana Mellisa Castrezana; WITTER, Carla; GOULART, Rita Maria Monteiro; AQUINO, Rita de Cássia de. Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 393-403, jul.-set. 2013.

DYNIEWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão, 2011.

FECHINE, Basílio Rommel Almeida; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **Rev. Cient. Int.** v. 1, n. 7, p. 106-194, jan./mar. 2012.

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Rev. Psiq. Clín.** v. 34, p. 88-94, 2007.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades:** Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. P. 1-18, 2004.

MCLNTYRE, Anne; ATWAL, Anita. **Terapia ocupacional e a terceira idade.** São Paulo: Santos, 2007.

MOTTA, Alda Britto. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos pagu.**, n. 13, p.191-221, 1999.

PAVAN, Fábio José; MENEGHEL, Stela Nazareth; JUNGES, José Roque. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2187-2190, set, 2008.

PEREZ, Marina Picazzio; ALMEIDA, Maria Helena Morgani. O processo de revisão de vida em grupo como recurso terapêutico para idosos em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 3, p. 223-229, set./dez. 2010.

RIBEIRO, Arleia. Atuação da terapia ocupacional em grupo terapêutico com idosos. **Multitemas**, 2016.

SCHMIDT, Cristiane; DOLL, Johannes. **Entre o avô e o neto:** relatos co-educativos. 2009.

SILVA, Silmara Nicolau Pedro da. Análise de atividade. In: CAVALCANTI, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. **Terapia ocupacional:** fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

TIRADO, Marcella Guimarães Assis; DRUMMOND, Adriana de França. Intervenção do terapeuta ocupacional em instituições de longa permanência para idosos. In: DRUMMOND, Adriana de França; REZENDE, Márcia Bastos. **Intervenções da Terapia ocupacional.** Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.

WICHMANN, Francisca Maria Assmann; COUTO, Analié Nunes; AREOSA, Sílvia Virgínia Coutinho; MONTAÑÉS, María Concepción Menéndez. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 821-832, 2013.

ZIMERMAN, Guitte I. **Velhice:** aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000